

FLORA DA BAHIA

ANA MARIA GIULIETTI^{1,5}, LUCIANO P. DE QUEIROZ^{1,5}, TÂNIA REGINA DOS SANTOS SILVA^{1,5}, FLÁVIO FRANÇA¹, MARIA LENISE GUEDES² & ANDRÉ MÁRCIO AMORIM^{3,4}

¹Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana,
Km 03, BR 116, 44031-460, Feira de Santana, Bahia

²Instituto de Biologia, Universidade Federal da Bahia, Rua Barão de Geremoabo, s/n,
Ondina, 40170-290, Salvador, Bahia

³Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Santa Cruz, Campus Soane Nazaré de Andrade,
Km 16 Rodovia Ilhéus-Itabuna, 45662-000, Ilhéus, Bahia

⁴CEPLAC, Km 22 Rodovia Ilhéus-Itabuna, Bahia

⁵Bolsista Produtividade, CNPq

(Flora da Bahia) – O Projeto Flora da Bahia foi iniciado em 1997 nos moldes previstos pela Sociedade de Botânica do Brasil para a atualização da Flora do Brasil. É o produto de vários anos de coleta e identificação de espécimes do Estado da Bahia e reflete o esforço conjunto de várias instituições e pesquisadores. A flora será publicada nos níveis de família ou gênero(s) através de trabalhos independentes na revista *Sitientibus série Ciências Biológicas*, seguindo o padrão estabelecido. Paralelamente, continua ativo o programa de coleta visando ampliar o número de coleções do Estado, focando principalmente as áreas mal amostradas, a formação de novos taxonomistas e projetos para o melhor conhecimento, utilização e conservação da flora.

Palavras-chave: Florística, vegetação, Brasil.

(Flora of Bahia) – The Flora of Bahia Project was started in 1997 following the guidelines provided by the Sociedade de Botânica do Brasil to update data on the Flora of Brazil. It is the product of several years of sampling and identification of specimens in Bahia State, and it reflects the joint effort of various institutions and researchers. By means of independent works, the Flora is presented in this issue of *Sitientibus série Ciências Biológicas* as well as in the next ones. Description is given at the level of family or genus following the established pattern. Meanwhile, the program of sampling goes on in order to enlarge the number of samples within the state. These will focus mainly on the study of underestimate areas, on the formation of new taxonomists, and on projects for better understanding, using, and conserving the flora.

Key words: Floristic, vegetation, Brazil.

POSIÇÃO GEOGRÁFICA E CARACTERIZAÇÃO FÍSICA DO ESTADO DA BAHIA

O Estado da Bahia está localizado na Região Nordeste e ocupa uma área de 567.295,3 km², o que representa 6,64% do território do Brasil e 36,34% do Nordeste. Estende-se de 08°32'00"S, ao norte, fazendo limites com os estados do Piauí, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, até 18°20'07"S, ao sul, fazendo limites com os estados do Espírito Santo e de Minas Gerais, a oeste, limita-se com os estados de Goiás e Tocantins (46°36'59"W) e a leste com o Oceano Atlântico. O Estado possui sete ilhas continentais e costeiras com cerca de 547 km² e um arquipélago oceânico que constitui o Parque Nacional Marinho de Abrolhos.

A divisão administrativa do estado aumentou de 41 municípios, em 1827, para 415, em 1995. O número de municípios diminuiu e suas áreas aumentam de leste para oeste. Uma lista de todos os topônimos importantes para o Estado está sendo preparada por N. Hind e será publicada como parte da série Flora da Bahia, nesta revista.

A Bahia tem geologia muito diversificada, com predominância de rochas Proterozóicas. No oeste e nordeste do Estado ocorrem bacias sedimentares do Fanerozóico e na porção central e no sudeste coberturas detríticas terciário-quadernárias. Em parte, estas formações geológicas estão refletidas no relevo, que inclui, na parte leste do es-

tado, altitudes menores que 400 m, a qual se mantém para o oeste através dos vales dos rios. De modo geral, há um aumento de altitude em direção ao oeste do Estado, com vários pontos acima de 800 m, especialmente no extremo oeste, ao longo da Chapada Diamantina e nas serras próximas a Vitória da Conquista. A Chapada Diamantina é a porção norte da Cadeia do Espinhaço, que se estende de Minas Gerais à Bahia. Essa cadeia de montanhas é composta principalmente por arenitos pré-cambrianos e rochas metamórficas, com mais de 600 milhões de anos de idade e onde se encontram os dois pontos mais altos da Bahia e do Nordeste: o Pico do Barbado, com 2.033 m, e o Pico das Almas, com 1.958 m.

O Estado da Bahia tem uma grande diversidade de climas regionais, geralmente associados a diferentes formas de relevo e o efeito de continentalidade. De um modo geral, esses climas podem ser considerados como tropicais megatérmicos, com diferenças marcantes no regime pluviométrico. De acordo com o levantamento do RADAMBRASIL (1981), no Estado, podem ser encontrados os seguintes tipos de climas: clima úmido a super úmido, com mais de 2.000 mm anuais e elevado excedente hídrico durante a maior parte do ano, de ocorrência no sudeste da Bahia; clima úmido, com 1.750 a 2.000 mm anuais, de ocorrência na área litorânea; clima sub-úmido, com 800 a 1.500 mm anuais, de ocorrência em várias áreas do estado,

principalmente na Chapada Diamantina e no oeste; e clima semi-árido com 500 a 800 mm anuais e elevada deficiência hídrica durante a maior parte do ano, de ocorrência nas áreas de depressões interplanálticas; o período chuvoso é variável. De modo geral, na região litorânea há chuvas durante todo o ano com maior concentração durante o verão (janeiro a março); na região central, exceto na Chapada Diamantina, há maior concentração de chuvas, de março a maio; na região da Chapada Diamantina, de novembro a abril e no oeste, de outubro a dezembro.

O Estado da Bahia é cortado por vários rios, sendo o maior deles o Rio São Francisco, que nasce em Minas Gerais, na Serra da Canastra e atravessa a Bahia de sul para o norte até desembocar no Oceano Atlântico, entre os estados de Alagoas e Sergipe. No oeste do Estado, o São Francisco é alimentado por rios que nascem na Serra Geral, sendo os mais importantes o Rio Preto e o Rio Corrente que desembocam na altura dos municípios de Barra e Bom Jesus da Lapa, respectivamente. Dois rios muito importantes e inteiramente baianos são o Paraguaçu e o Rio de Contas, que nascem na Chapada Diamantina e correm no sentido oeste-leste até o Oceano Atlântico, desembocando, o primeiro, próximo à cidade de Salvador, e o segundo, no município de Itacaré. Bem mais ao sul, dois grandes rios, o Pardo e o Jequitinhonha, após nascerem na Cadeia do Espinhaço em Minas Gerais, desembocam no Atlântico nas proximidades das cidades de Canavieiras e Belmonte, respectivamente. Vários mapas incluindo hidrologia, geomorfologia, geologia, solos e vegetação do Estado podem ser vistos no site da SEIA (Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – www.sei.ba.gov.br).

VEGETAÇÃO

Associada à diversidade climática e topográfica, encontra-se uma grande diversidade de formações vegetais no Estado da Bahia. Praticamente todos os grandes biomas brasileiros estão aqui representados (Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica). Assim, são encontradas formações de florestas ombrófilas densa (hiléia baiana), vegetação com influência marinha (restinga, dunas) e vegetação com influência flúvio-marinha (mangue) nas áreas litorâneas; floresta estacional semidecidual na maior parte das áreas limítrofes à floresta ombrófila densa e nas principais regiões de planaltos; savanas (cerrados), principalmente a oeste do Rio São Francisco, mas com disjunções na Chapada Diamantina e no norte do Estado; floresta estacional decidual e savanas estépicas (caatingas) principalmente nas depressões interplanálticas e encosta ocidental dos principais sistemas de serras; e campos rupestres, nas áreas acima de 900 m da Chapada Diamantina. Além destas formações principais, há um grande número de formações locais, como os “inselbergs” relacionados com os grandes blocos graníticos que afloram nas caatingas; as dunas interiores do Rio São Francisco; as “matas de grotão” encontradas nos vãos de grandes blocos de arenitos e quartzitos da Chapada Diamantina; as florestas ciliares e de encosta relacionadas

com os rios que cortam o Estado; a “Mata de Cipó” dos arredores do Planalto de Conquista. As principais formações da Bahia são comentadas abaixo e serão apresentadas com maior detalhamento dos tipos de vegetação em um trabalho à parte, dentro da série Flora da Bahia.

A Mata Atlântica ocorre ao longo do litoral e tem predominância na região sul. Apresenta uma fisionomia exuberante e possui plantas de alto valor ecológico e econômico. O sudeste da Bahia é considerado como um dos centros de endemismo da floresta atlântica, e este conceito está baseado nos estudos com diversos grupos de animais e plantas. É uma formação florestal bastante característica e tem sido designada por alguns autores como “hiléia baiana” em comparação com a “hiléia amazônica”, com a qual compartilha nível semelhante de pluviosidade, fisionomia (com a mata de terra firme) e até espécies disjuntas, em função de possíveis ligações no passado. Muitos gêneros como *Anthodiscus* G.Mey. (Caryocaraceae), *Couratari* Aubl. (Lecythidaceae), *Stachyarrhena* Hook.f. (Rubiaceae) e *Stephanopodium* Poepp. & Endl. (Dichapetalaceae) ilustram muito bem a relação entre as duas formações florestais. Também é grande o número de espécies que ocorrem em ambas as formações, sem aparente distinção morfológica entre os indivíduos de suas populações, podendo ser exemplificado por *Anthodiscus amazonicus* Gleason & A.C.Sm. e *Swartzia reticulata* Ducke (Leguminosae). Com referência à flora da mata sul-baiana, pode-se citar muitos exemplos de endemismos restritos, como os gêneros *Harleyodendron* R.S.Cowan, *Arapatiella* Rizzini & A.Mattos, *Brodriguesia* R.S.Cowan (Leguminosae), *Anomochloa* Bronqn, *Alvimia* Calderón ex Soderstr. & Londoño, *Atractantha* McClure, *Sucrea* Soderstr. (Poaceae) e *Andreodoxa* J.A.Kallunki (Rutaceae). Ocorrem ainda alguns gêneros endêmicos da Bahia, predominantemente na Mata Atlântica, podendo ser destacado *Zomicarpa* Schott. (Araceae) e *Hornschuchia* Nees (Annonaceae), este último de ocorrência também nas matas mais secas dos arredores de Feira de Santana.

A Chapada Diamantina, com suas altas montanhas e vales, apresenta diferentes tipos de ecossistemas, onde se destacam os campos rupestres, vegetação aberta com predominância de herbáceas graminosas, nas partes mais altas, diferentes tipos de matas, desde as super úmidas como as matas de grotões até as matas secas de cipós, cerrados e diferentes tipos de caatingas nas áreas circundantes mais baixas. A grande quantidade de táxons endêmicos, incluindo vários gêneros, é sempre mencionada como referência à importância da região. Vários trabalhos foram publicados com a flora da região, destacando-se grande número de novas espécies e os levantamentos florísticos mais amplos da região de Mucugê (HARLEY & SIMMONS, 1986) e do Pico das Almas (STANNARD, 1995) e a lista de Catolés (ZAPPI *et al.*, 2003). Entre os gêneros endêmicos da Bahia e quase exclusivamente restritos a essa região, destacam-se vários da família Asteraceae: *Blanchetia* DC., *Bishopiella* R.M.King & H.Rob, *Litothamnus* R.M.King & H.Rob e *Santosia* R.M.King & H.Rob. Dois gêneros de Orchidaceae são en-

dêmicos da Chapada Diamantina: *Adamantinia* Van den Berg & C.N.Gonç. e *Thelyschista* Garay (GIULIETTI *et al.*, 2005). Além disso, vários gêneros têm aí seu centro de diversidade, como *Marcetia* DC. (Melastomataceae), *Eriope* Humb. & Bonpl. ex Benth. (Lamiaceae), *Agrianthus* Mart. ex DC. (Asteraceae), *Camptosema* Hook & Arn., *Chamaecrista* Moench e *Calliandra* Benth. (Leguminosae).

A fitogeografia das espécies da Chapada Diamantina é especialmente interessante devido às ligações florísticas com outras regiões. Vários táxons de campos rupestres ocorrem disjuntamente nas restingas do litoral, exemplificados por *Vellozia dasypus* Seub. (Velloziaceae), *Actinocephalus ramosus* (Wikstr.) Sano (Eriocaulaceae) e *Drosera chrysolepis* Taub. (Droseraceae). Também há disjunção na distribuição de algumas espécies e gêneros que ocorrem nos tepuis das Guianas e Venezuela, e na Chapada Diamantina, como *Cottendorfia florida* Schult. & Schult.f. (Bromeliaceae), *Chamaecrista roraimae* (Benth.) Gleason (Leguminosae) e também nas restingas do litoral da Bahia, como, por exemplo, *Bonnetia stricta* Mart. (Bonnetiaceae) e *Marcetia taxifolia* (A.St.-Hil) DC. (Melastomataceae).

O vasto domínio das caatingas do Nordeste tem sua maior extensão territorial na Bahia, onde ocorre com suas variações e enclaves, ocupando a maior parte do território baiano. Apesar das formações de caatingas exibirem uma diversidade vegetal menor do que as áreas mais úmidas das formações da Mata Atlântica e dos campos rupestres, as caatingas da Bahia apresentam uma diversidade muito maior do que as outras áreas de caatingas mais ao norte. Das sete ecorregiões reconhecidas para o Nordeste, as seguintes são representadas no Estado: Raso da Catarina, Dunas do São Francisco, Complexo da Chapada Diamantina e Depressão Sertaneja Meridional (VELLOSO *et al.*, 2002). Levantamentos florísticos em “Inselbergs” da Depressão Sertaneja Meridional revelaram uma riqueza de c. 270 espécies (FRANÇA *et al.*, 1997), enquanto levantamentos em Caatingas de Pernambuco revelaram entre 40-160 espécies (FERRAZ *et al.*, 1998; RODAL *et al.*, 1999). As caatingas do Nordeste geralmente são referidas como possuindo poucos gêneros endêmicos, porém GIULIETTI *et al.* (2002) referem 18 gêneros e 318 espécies como endêmicos das caatingas do Nordeste. Alguns desses, como *Mcvaughia* W.R.Anderson (Malpighiaceae), *Glischrothamnus* Pilq. (Molluginaceae), *Rayleya* Cristóbal (Sterculiaceae), *Haptocarpum* Ule (Capparaceae), *Heteranthia* Nees & Mart. (Solanaceae) e *Stephanocereus* A.Berqer (Cactaceae) são limitados às caatingas da Bahia. *Holoregmia* Nees (Martyniaceae) foi recentemente recoletado na Bahia, em Rio de Contas e nas proximidades de Jequié, muito próximo da área onde foi coletado o espécime-tipo, há mais de 180 anos atrás (HARLEY *et al.*, 2003).

HISTÓRICO DOS ESTUDOS COM A FLORA DA BAHIA E INSTITUIÇÕES PARTICIPANTES

A riqueza da flora da Bahia já foi constatada pelos naturalistas que visitaram o estado. Entre 1637 e 1640,

Markgraf coletou em sete Estados do Nordeste, inclusive na Bahia, porém poucos espécimes foram preservados. Foi no século XIX, que o estado foi visitado por vários pesquisadores e coletores que levaram com eles todo o material botânico coletado, depositado em herbários da Europa. A grande maioria coletou nos arredores de Salvador e alguns seguiram para o sul pelo litoral, visitando a Ilha de Itaparica, sul da Baía de Todos os Santos e Ilhéus. Podem ser citados: J. Wikström (em 1816), Freyreiss (entre 1816-1818), W. Swainson (entre 1817-1818), F. Sellow (entre 1816-1818), L. Riedel (entre 1821-1822), J. Lhotsky (entre 1830-1831), C. Gaudichaud (entre 1832-1833), B. Lusch-nath (entre 1835-1837), G. Casaretto (entre 1839-1840) e F. Wawra (em 1857, 1860 e 1879). Poucos entraram pelo interior através das caatingas, cerrados e campos rupestres. Devem ser destacados K. F. von Martius & J. B. Spix que chegaram à Bahia em 1818 e permaneceram até 1819, entraram pelo Sul, vindos do Rio de Janeiro e Minas Gerais e, além de se deterem na região litorânea, coberta pela exuberante Mata Atlântica, se embrenharam pelo interior, nos domínios das florestas estacionais, caatingas e cerrados. Roteiro semelhante, porém em menor escala, foi seguido pelo príncipe Maximilian von Wied-Neuwied entre 1816-1817. George Gardner visitou, em 1837, Bonfim e, em 1839, a Serra do Livramento, Rio Preto e a Fazenda Santa Maria, essas duas últimas, porém, aparecem nas etiquetas de coleta como Pernambuco. João Barbosa-Rodrigues coletou principalmente palmeiras em diversas áreas do estado, entre os anos de 1869 e 1870. Carl R. O. Kuntze, em 1892, saiu de Salvador e chegou até Contendas, e E. Ule, em 1899, seguiu principalmente os roteiros das estradas de ferro, destacando-se as coletas nos arredores de Contendas e Maracás. Alguns pesquisadores se estabeleceram em Salvador, como P. Salzmann, que residiu três anos na cidade a partir de 1827, fazendo várias coleções nos arredores; o suíço J. S. Blanchet morou na cidade entre 1828 e 1856 e proveu os estudiosos europeus com um grande volume de material botânico (mais de 4.000 números) principalmente da região de Jacobina, na época, um município que ocupava áreas hoje pertencentes a Morro do Chapéu, Miguel Calmon, Saúde (entre outros) que ficam na parte mais nortista da Chapada Diamantina, e também áreas na depressão sertaneja meridional hoje pertencentes a municípios tais como Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité, entre outros.

O material colecionado por esses naturalistas foi depositado nos principais herbários europeus e serviu de base para a monumental obra sobre a flora brasileira, editada por Martius, Endlichler, Eichler & Urban entre 1840-1906, a “Flora Brasiliensis”, bem como para as revisões em nível mundial como o “Prodromus” de Candolle, entre 1823-1873, e a série “Das Pflanzenreich” editada por Engler & Diels entre 1900-1953.

No início do século XX, Ph. von Luetzelburg visitou a Bahia em várias ocasiões entre 1911 e 1919. Sua vasta coleção está depositada no Herbário de Munique e serviu de base para os três volumes de sua obra “Estudos Botânicos do Nordeste”, publicados entre 1922-1923. Apesar

de outros naturalistas terem coletado na Bahia na primeira metade do século, como L. Zehntner, J. Massart, L. Fróes, G. Bondar e R. C. Foster, este período pode ser considerado de pouco desenvolvimento para o conhecimento da Flora da Bahia.

Com a criação da Universidade da Bahia em abril de 1946, que uniu os cursos de Medicina, em Salvador, e Agronomia, em Cruz das Almas, começou no estado a formação de novos botânicos. Dois grandes nomes desse período são o Prof. Alexandre Leal Costa que, juntamente com o Pe. Camille Torrend, muito trabalhou na formação do Herbário ALCB, do Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e o Prof. Geraldo C. P. Pinto, que formou o herbário da Escola de Agronomia, em Cruz das Almas, e coletou extensivamente em todo o estado. O Herbário Alexandre Leal Costa da UFBA teve como curadora a Profa. Leticia S. S. Faria e, atualmente, a Profa. Maria Lenise Guedes. Ele conta hoje com ca. 50.000 espécimes incluindo Angiospermas, Pteridófitas, Briófitas e Fungos. Esses pesquisadores e seus seguidores formaram grande parte dos botânicos da Bahia.

A partir da segunda metade do século XX foram criadas na Bahia algumas instituições de pesquisa e as universidades estaduais, grande parte delas preocupada com o estudo e utilização dos recursos naturais do estado. Nesse contexto, foram formadas coleções de referência, como herbários e coleções zoológicas, incluindo espécimes da biota baiana. O primeiro destes Institutos foi a Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA), criada pelo Governo do Estado da Bahia onde foi formado o herbário BAH de plantas tóxicas e medicinais, atualmente com cerca de 12.000 espécimes. No nível Federal, foi criada a CEPLAC (Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira) para desenvolver pesquisas com cacau (*Theobroma cacao* L.). Em 1964, foi iniciado o herbário CEPEC no seu Centro de Pesquisas do Cacau, em Itabuna, que atualmente conta com um acervo de 106.000 exsicatas. Esta coleção teve como objetivo principal o inventário da região cacaueira e do sul da Bahia, mas através de seus pesquisadores, especialmente o Dr. André M. de Carvalho (recentemente falecido) e colaboradores, foi estendendo o seu interesse para toda a flora estadual. Um dos primeiros colaboradores do CEPEC foi o Royal Botanic Gardens de Kew (RBG-Kew, Inglaterra), tendo sido realizadas coletas conjuntas em 1974, 1978 e 1980, sob a coordenação, pelo lado inglês, do Dr. Raymond Harley. Foram coletados mais de 10.000 espécimes e as duas primeiras expedições serviram de base para a relação das 1.596 espécies de Pteridófitas, Gimnospermas e Angiospermas do Estado (HARLEY & MAYO, 1980). Tendo como base essas expedições, foram publicados os primeiros tratamentos de famílias para o estado: 'Grasses of Bahia' (RENOUZE, 1984); 'Legumes of Bahia' (LEWIS, 1987); e "Florula of Mucugê" (HARLEY & SIMMONS, 1986). Atualmente, a coordenação dos trabalhos no RBG-Kew é de responsabilidade da Dra. Daniela Zappi. Outro grande colaborador e que se mantém até o presente é o New York Botanic Garden, cujo pesquisador Dr. Scott Alan Mori foi

contratado pelo CEPLAC, entre 1977 a 1979, para colocar a coleção CEPEC em moldes científicos modernos e dar uma nova perspectiva aos trabalhos elaborados com base no acervo do Centro de Pesquisas. Atualmente, os projetos em colaboração continuam sob a coordenação, pelo lado americano, do Dr. Wayt Thomas. O curador atual do herbário CEPEC é o Dr. André Márcio Amorim.

Em 1970, foi criada a primeira universidade estadual na Bahia, a Universidade Estadual de Feira de Santana e, em 1980, o Herbário HUEFS, tendo como curador o Prof. Larry R. Noblick. Desde então, os professores e pesquisadores ligados ao herbário têm trabalhado em vários projetos, destacando-se, especialmente, a parceria com a Universidade de São Paulo (Herbário SPF) e a Associação Plantas do Nordeste (APNE) que, juntamente com o RBG-Kew e Instituições da Bahia, propiciaram a realização de várias expedições conjuntas, culminando com a publicação da Flora do Pico das Almas (STANNARD, 1995) e a lista da flora de Catolés (ZAPPI *et al.*, 2003). O Repatriamento dos tipos nomenclaturais gerenciado pelos pesquisadores do RBG-Kew foi outro projeto importante, disponibilizando imagens de coleções históricas depositadas no K para herbários no Nordeste, incluindo o HUEFS. Atualmente, o herbário HUEFS tem ca. 105.000 espécimes totalmente informatizados e seu curador é o Dr. Luciano P. de Queiroz.

As outras Instituições e herbários que participam diretamente na organização do projeto da Flora da Bahia são: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), através do herbário HRB, com cerca de 30.000 espécimes (acervo hoje transferido para as dependências do Jardim Botânico de Salvador); Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), com 10.000 espécimes; Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), com 2.500 espécimes; Universidade Estadual da Bahia (UNEB), com 10.000 espécimes.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Com tal diversidade de ecossistemas e flora, o Estado da Bahia tem hoje apenas 3.791.529 ha de área conservada, ou seja 6,68% da área total do estado, o que está muito abaixo da média do país. Tal área conservada, incluindo proteção municipal, estadual, federal e particular, é formada por 39 áreas de proteção ambiental (APA), 24 parques, duas reservas biológicas, oito reservas ecológicas, um cinturão verde - APA e 29 reservas particulares do patrimônio natural (RPPN) e sete áreas em categorias diversas (SEIA, 2006). Grande parte dessas áreas de proteção foram criadas apenas por decreto, faltando regularização da situação fundiária, plano de manejo, pessoal especializado e fiscalização adequada.

INSTRUÇÕES PARA PUBLICAÇÃO

A flora será publicada nos níveis de família ou gênero(s), como trabalhos independentes na revista *Sitientibus série Ciências Biológicas*.

Serão utilizadas como base as coleções depositadas nos herbários baianos ALCB, CEPEC, HUEFS, além dos herbários SPF, MBM e internacionais (K, NY).

As monografias constarão de descrição da família, gêneros, chave de identificação das espécies, descrições das espécies, material examinado, comentários sobre distribuição geográfica, fenologia, usos, problemas taxonômicos, variabilidade morfológica etc. O modelo

e as normas para publicação encontram-se na página da web (www.uefs/floradabahia).

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Conselho Nacional Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq pelos auxílios concedidos e pelas bolsas de produtividade de pesquisa (Ana Maria Giulietti, Luciano P. Queiroz e Tânia R. S. Silva).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERRAZ EMN, MJN RODAL, EVB SAMPAIO & R DE CA PEREIRA. 1998. Composição florística em trechos de vegetação de caatinga e brejo de altitude na região do Vale do Pajeú, Pernambuco. **Rev. Brasil. Bot.** 21(1): 7-15.
- FRANÇA F, E MELO & C CORREIA. 1997. Flora de inselbergs da região de Milagres, Bahia, Brasil: I. Caracterização da vegetação e lista de espécies. **Sitientibus** 17: 163-184.
- GIULIETTI AM, RM HARLEY, LP QUEIROZ, MRV BARBOSA, AL BOCAGE-NETA & MA FIGUEIREDO. 2002. Espécies endêmicas da Caatinga, p. 103-117. *In*: EVS SAMPAIO, AM GIULIETTI, J VIRGÍNIO & CF GAMARRA-ROJAS (eds.). **Caatinga, vegetação e flora**. Recife: Associação Plantas do Nordeste & Centro Nordestino de Informação sobre Plantas.
- GIULIETTI AM, RM HARLEY, LP QUEIROZ, MGL WANDERLEY & CND BERG. 2005. Biodiversity and conservation of plants in Brazil. **Conservation Biology** 19: 632-639.
- HARLEY RM, AM GIULIETTI & FAR ASSIS. 2003. *Holoregmia* Nees, a recently rediscovered genus of Martyniaceae from Bahia, Brazil. **Kew Bull.** 58: 205-212.
- HARLEY RM & SJ MAYO. 1980. **Towards a checklist of the flora of Bahia**. Kew: Royal Botanic Gardens.
- HARLEY RM & MA SIMMONS. 1986. **Florula of Mucugê**. Kew: Royal Botanic Gardens.
- LEWIS GP. 1987. **Legumes of Bahia**. Kew: Royal Botanic Gardens.
- RADAMBRASIL. 1981. **Projeto Radambrasil, Levantamento de Recursos Naturais**. Rio de Janeiro: Ministério das Minas e Energias, Folha Salvador SD-24.
- RENVOIZE SA. 1984. **The grasses of Bahia**. Kew: Royal Botanic Gardens.
- RODAL M, L NASCIMENTO & A MELO. 1999. Composição florística de um trecho de vegetação arbustiva caducifolia, no município de Ibimirim, PE, Brasil. **Acta bot. bras.** 13(1): 15-28.
- STANNARD BL (ed.). 1995. **Flora of the Pico das Almas Chapada Diamantina, Bahia, Brazil**. Kew: Royal Botanic Gardens/USP/CEPLAC.
- VELLOSO AL, EVSB SAMPAIO, AM GIULIETTI, MRV BARBOSA, AAJF CASTRO, LP QUEIROZ, A FERNANDES, DC OREN, LA CESTARO, AJE CARVALHO, FGC PAREYN, FBR SILVA, EE MIRANDA, S KEEL & RS GONDIN. 2001. **Ecorregiões, proposta para o Bioma Caatinga**. *In*: A VELLOSO, EVSB SAMPAIO & FGC PAREYN (eds.). Recife: Associação Plantas do Nordeste, Instituto de conservação Ambiental, The Nature Conservance do Brasil.
- ZAPPI DC, E LUCAS, BL STANNARD, NIC LUGHADHA, JR PIRANI, LP QUEIROZ, S ATKINS, DJN HIND, AM GIULIETTI, RM HARLEY & AM CARVALHO. 2003. Lista das plantas vasculares de Catolés, Chapada Diamantina, Bahia, Brasil. **Bolm. Botânica Univ. São Paulo** 21(2): 345-398.